

## A INFLUÊNCIA NORMANDO-FRANCESA NA ARQUITETURA DOS CHALÉS DA CIDADE DE SÃO LUÍS, MARANHÃO

Ferreira, Paulo Roberto <sup>(1)</sup>; Nolêto, Byanca <sup>(2)</sup>; Costa, Ana Carolina <sup>(3)</sup>

*Universidade Ceuma, paulorobertoferreira.arq@gmail.com <sup>(1)</sup>; Universidade Ceuma, byancanoleto.arq@gmail.com <sup>(2)</sup>; Universidade Ceuma, carollacosta@gmail.com <sup>(3)</sup>*

### RESUMO

O presente artigo estuda a origem, o desenvolvimento e a introdução do chalé na cidade de São Luís nas últimas décadas do século XIX quando o gosto por essa tipologia, partiu de uma camada social mais abastada e se expandiu, diversificando seus partidos e dimensões. O chalé está ligado tanto a uma idealizada vida campestre do norte da França, quanto a modernidade da Inglaterra em virtude da Revolução Industrial, onde foi possível a adoção desse padrão de arquitetura em razão da facilidade de acesso a material de construção industrializado. Com isso, em São Luís, surge uma nova tipologia arquitetônica, os chalés, que normalmente eram pré-fabricados e importados da Europa, impulsionados pela inserção de vários produtos oriundos das indústrias. Em São Luís, atualmente, existe um descompasso entre a degradação das edificações de interesse histórico e as ações governamentais de preservação que passaram a existir efetivamente a partir de 1970 quando passaram a fazer parte do cotidiano da cidade no sentido da proteção e preservação do conjunto arquitetônico, urbanístico e paisagístico que está inserido no centro histórico da cidade, bem como nas rotas de expansão da cidade, onde, encontram-se casas da “moda Chalés”, arquitetura surgida na década de 1870, de influência normando-francesa. O início do desenvolvimento da mecanização e da industrialização no mundo está ligado à Inglaterra, do final do século XVIII com a Revolução Industrial. Tal processo foi tão determinante que chegou-se a falar em uma arquitetura de ferro, devido ao material presente em todos os países que se desenvolveram com a Revolução Industrial durante o Século XIX. Em São Luís, mesmo que tardio, não foi diferente, com o desenvolvimento da indústria têxtil, no início do Séc. XX, surgem novas tipologias arquitetônicas, que se diferenciavam das originais características colonial portuguesa. Importadas da Europa, elas traziam consigo a nova proposta, a dita arquitetura do ferro. A partir daí, não só as indústrias passaram a ser construídas, mas também as residências dos seus proprietários vinham diretamente da Europa para serem montadas ali. Seguindo a moda esse tipo de casa unifamiliar, em São Luís, estava mais localizada para a área de expansão da cidade o que era conhecido como Caminho Grande e seus arredores. Esses tipos de moradia eram denominadas de casas de campo e férias, para lazer e descanso, tanto na Inglaterra, quanto no Brasil, o que seguia também em São Luís no final do século XIX.

**Palavras-Chaves:** CHALÉ; INDUSTRIALIZAÇÃO; HABITAÇÃO; TIPOLOGIA.

### ABSTRACT

The present article studies the origin, the development and the cottage introduction in the city of São Luis in the last decades from the century XIX when the preference for this typology, became from a wealthy social group and expanded, diversifying their parties and dimensions. The cottage is linked to both an idealized country life in the north of France and the modernity of England by virtue of the industrial revolution, where was possible the adoption of this architectural pattern due to the ease access to material of industrialized construction. Thereby, in São Luis, emerges a new architectural typology, the cottages, that were normally pre-fabricated and imported from Europe, driven by the insertion of several products from the industries. In São Luis, nowadays, there is a mismatch between the degradation of the buildings of historical interest and the governmental actions of preservation that came to exist effectively from 1970 when they became part of the daily life of the city in the sense of protection and preservation of the architectural, urbanistic and landscape ensemble, that is inserted in the historical center of the city, as well as in the expansion routes of the city, where we can find houses from “Cottage Style”, architecture emerged in the decade of 1870, from French Norman influence. The beginning of development of mechanizations and industrialization in the world is linked to England in the late eighteenth century with the Industrial Revolution. Such a process was so decisive that it came to speak in iron architecture, due to the material present in all the countries that developed with the Industrial Revolution during Century XIX. In São Luis, even if late, it was no different, with

the development of the textile industry, at the beginning of the 20th century; new architectural typologies emerged, which differed from the original colonial Portuguese characteristics. Imported from Europe, they brought with them the new proposal, the so-called iron architecture. From then on, not only did industries begin to be built, but also the homes of their owners came directly from Europe to be assembled there. Following the fashion of this type of single-family house in São Luis, was more located to the area of expansion of the city what was known as Great Way and its surroundings. This type of housing was known as a country house and vacation, for leisure and rest, both in England and Brazil, which also followed in São Luis in the late XIX century.

**Keywords:** CHALET; INDUSTRIALIZATION; HOUSING; TYPOLOGY.

## 1. INTRODUÇÃO

Surgida no final do século XVIII com o advento da Revolução Industrial, a chamada arquitetura do ferro foi marcada pelo início do desenvolvimento da mecanização e da industrialização de materiais, como o ferro, e está ligada aos países que se desenvolveram com essa Revolução Industrial durante o século XIX.

No Brasil, alguns fatores ocorridos a partir de meados do século XIX, tais como a ascensão econômica advinda da produção cafeeira e a Revolução Industrial, proporcionaram décadas de prosperidade para a dita arquitetura do ferro que surgiu durante o fim do Império e se estendeu para todo o país. Em virtude disso, nas últimas décadas do século XIX foram edificadas várias fábricas, instalações ferroviárias, instituições e igrejas nos novos bairros que surgiam em função da expansão da malha urbana brasileira. A arquitetura, como não poderia deixar de seguir esse crescimento, inspirou-se no que acontecia na Europa, tal como nas demais artes. Assim, surgiram os chalés, com o uso de materiais industrializados. O gosto por essa nova tipologia, a facilidade e acesso desses materiais e produção em larga escala fez com que a modernização das casas inspiradas nas cabanas usadas pelos pastores normandos nos Alpes franceses, tomassem maiores proporções e se expandissem para além da Europa, chegando também ao Brasil.

No Maranhão, o gosto pelo chalé ganhou espaço junto às classes dominantes no início do século XX. Essa arquitetura de importação, do chamado ecletismo de catálogo, denotava a combinação de diferentes estilos arquitetônicos em uma única obra, através da seleção e combinação das melhores qualidades das obras dos grandes mestres. Este estilo foi introduzido atingindo camadas sociais mais abastadas, diversificando seus partidos e dimensões de acordo com o gosto e necessidade de seus proprietários.

A implantação de fábricas têxteis, de fato, influenciou na importação dos chalés na cidade de São Luís do início do século XX, onde, a priori, morariam os donos de fábricas têxteis ou pessoas de elevado poder aquisitivo que faziam gosto por essas construções portantes. Foram essas edificações que consolidaram uma peculiaridade na malha urbana ludovicense, quando esta teve sua expansão caracterizada por uma nova tipologia fazendo uso de técnica construtiva que obedecia aos moldes da industrialização, diferentemente da arquitetura anterior, de predominância pombalina.

Considerada uma das modalidades de edificação mais populares na Revolução Industrial, o chalé ainda não é profundamente estudado. Talvez por se tratar de uma arquitetura mais recente, essa tipologia ainda não chama a atenção de pesquisadores, apesar de sua notória importância. Portanto, buscaremos responder de forma objetiva, por estarmos cientes dos fatos aqui expostos, as estimuladas perguntas que o tema abordará.

## 2. MOMENTO HISTÓRICO

### 2.1. O SURGIMENTO DA ARQUITETURA DO FERRO

O início do desenvolvimento da mecanização e da industrialização no mundo está ligado à Inglaterra, por volta do ano de 1770, e é denominado como Revolução Industrial. Este evento marcou o início de um novo período histórico para todo o mundo e alterou, definitivamente, as relações comerciais internacionais. Os primórdios de tal processo remontam à Idade Média quando a expansão do comércio mundial impulsiona o processo de especialização da produção de bens de consumo.

Entretanto, esse chamado início de desenvolvimento representa apenas uma mudança no processo de produção que ainda era manual e artesanal, caracterizado pela duplicação de moldes existentes. Este antigo processo atendia a um exigente e seletivo grupo social representado pelas cortes, clérigos e ricos comerciantes que, com a expansão comercial, passaram a ter acesso a outras culturas e tornaram-se cada vez mais exigentes.

Assim, surgem na Itália e na Alemanha, os “livros padrões”, que vieram atender a crescente necessidade da produção de várias cópias de um mesmo produto, o que futuramente deu vida ao que pode ser denominado vulgarmente de catálogos.

“Esses livros eram coleções de gravuras produzidas em quantidade por novos métodos de impressão mecânica, ilustrando formas decorativas, padronagens e motivos geralmente ligados a atividades têxteis”. (Design no Brasil: origens e instalação, Lucy Niemeyer; pág. 49.)

Tal necessidade de especialização e agilidade na fabricação tornou-se tão grande que surgem, no Século XVII, as oficinas artesanais, financiadas e controladas pelas coroas. Essas oficinas funcionavam em grandes instalações, produziam em larga escala e ainda mantinham escolas de aprendizes para garantir a continuidade do processo de fabricação até então rudimentar.

Na Inglaterra do século XIX, explode a Revolução Industrial, permitida a partir de uma série de transformações internas tais como: a rápida mecanização de setores produtivos, a existência de mão de obra disponível, vinda principalmente do campo, além do crescimento do comércio exterior, especialmente com suas colônias.

“A Grã Bretania foi realmente a maior beneficiária dessa conquista científica em razão de possuir em territórios economicamente próximos, jazidas de minérios de ferro e de carvão de pedra”. (Geraldo Gomes da Silva; Arquitetura do Ferro no Brasil; 1987; pg 13.)

Com a introdução de novos materiais, a produção em larga escala ganhou um aliado, visto que, através da utilização de novas técnicas, proporcionavam a fabricação de objetos ricos em detalhes e em ornamentos de forma rápida e de qualidade, tornando-se, dessa maneira, mais acessíveis à população, principalmente à nova classe média em ascensão.

Como foi exposto, a transformação de matéria prima em produtos úteis ao homem passou por três estágios básicos, ao longo dos tempos: o artesanato, a manufatura e mecanização.

O artesanato que é a forma mais simples de produção industrial, onde o artesão participa e é o responsável por todo o processo de produção; a manufatura onde já existe um processo de especialização da produção, sendo que cada etapa do processo de fabricação era de responsabilidade de um trabalhador, ou seja, existia uma equipe de trabalho que, reunida em um determinado local, cada trabalhador realizava uma atividade específica, como em uma linha de montagem atual; e por fim, a mecanização, que é o sistema produtivo no qual é utilizada a máquina em substituição às ferramentas e ao próprio trabalho braçal, constituindo-se na forma mais complexa de produção, que teve início com a Revolução Industrial.

Devido às mudanças tecnológicas e às transformações econômicas e sociais, as fábricas se tornaram verdadeiros centros atrativos de pessoas vindas do campo, onde inicia-se a exploração do trabalho operário, o que, em contrapartida, acarretou num crescimento urbano desenfreado e sem planejamento. Consequentemente, alastraram-se epidemias em função do aumento vertiginoso da densidade populacional em locais sem infraestrutura, assim como a busca incessante por mercados consumidores e produtores de matéria prima.

Dessa forma, surgem novas necessidades, inclusive de novas edificações, que passaram a ser atendidas com a utilização de novos materiais como na industrialização dos edifícios.

O ferro, que até então era utilizado apenas para confecção de ferramentas para o cultivo ou em engenhos de açúcar, tornou-se a principal matéria prima na fabricação de edifícios, e passou a ser comercializados para todo o mundo a partir da Revolução Industrial.

“O ferro esteve presente, a princípio timidamente e, posteriormente com mais intensidade, como material de construção considerável...”. (Geraldo Gomes da Silva; *Arquitetura do Ferro no Brasil*; 1987, pág. 23.)

Tal processo foi tão impactante que se chegou a falar em uma arquitetura do ferro, pois esteve presente em todos os países que se desenvolveram com a Revolução Industrial, e praticamente em todo o restante do mundo durante todo o século XIX. Dentre as edificações mais fabricadas, pode-se citar: galpões para as fábricas, galerias, coretos, pavilhões de exposições, teatros, estações ferroviárias, mercados públicos e residências.

A reprodução incessante de um mesmo modelo de forma rápida e eficiente transformando-se em um ótimo artifício ornamental, favoreceu o surgimento de estilos arquitetônicos rebuscados, como o Art Nouveau e, ao mesmo tempo, possibilitou a releitura de estilos anteriores, momento em que surge o Ecletismo. Esses estilos demonstravam claramente a possibilidade do uso de novos materiais, como o vidro, o concreto armado e, em especial, o ferro, bem como novas técnicas, mudanças estas que justificariam a construção de uma forma mais rápida, a fim de atender o crescimento urbanístico desordenado da época.

A partir da segunda metade do Século XIX, surgem os catálogos de produtos, como artifício de “marketing”. Estes constituíam-se em resultado da ideia de firmas inglesas e escocesas que colocaram no mercado internacional uma variedade de elementos arquitetônicos que eram vendidos e posteriormente montados – ou, porque não, desmontados –, comprovando vez a versatilidade de tal matéria prima.

“A rentabilidade econômica dos componentes de ferro fundido residia em suas dimensões e pesos reduzidos, o que gerava, conseqüentemente, reduções de custos quanto ao transporte e montagem”. (Geraldo Gomes da Silva; *Arquitetura do Ferro no Brasil*; 1987; pág. 29.)

A Revolução Industrial instalou-se no Brasil por volta da segunda metade do Século XIX, com a implantação de algumas fábricas do ramo têxtil e alimentício principalmente, a partir da disponibilidade de matéria prima e da facilidade de acesso. Assim, a tecnologia internacional criou condições favoráveis para a instalação de fábricas têxteis em várias regiões do Brasil.

É nesse contexto que se insere a indústria têxtil maranhense no início do Século XX, quando a Companhia do Comércio do Maranhão e Grão-Pará deixou condições propícias para o surto de industrialização do estado mesmo depois de sua extinção devido basicamente à acumulação de capital resultante do comércio do algodão.

“Assim é que nos principais centros urbanos dos últimos vinte anos do Século XIX instalaram-se 10 (dez) unidades fabris que se dedicaram a fiação e tecelagem de algodão distribuídas das seguintes formas: 5 (cinco) em São Luís, 4 (quatro) em Caxias e 1 (uma) em Codó.”. (Indústria Têxtil do Maranhão, um desejo em forma de realidade que acabou. Maria de Fátima Sousa Cartagenes e Maria das Dores Lopes Bezerra; pág. 148.)

## 2.2. INFLUÊNCIA NORMANDO-FRANCESA NA ARQUITETURA BRASILEIRA

No Brasil do início do século XX, pode ser observada uma influência normando-francesa na arquitetura por meio de tipologias que provinham da Europa, fruto da Revolução Industrial. À época, a nova tipologia arquitetônica apresentava algumas características como, a procura por elementos rústicos, a entrega às realizações espontâneas e a ressurgência de tendências como inspirações, que se associavam ao Romantismo, uma corrente do revivalismo.

A arquitetura brasileira ganha uma tipologia própria somente após a Semana de Arte Moderna de 1922, o Neocolonial, ainda bastante influenciado pela arquitetura portuguesa, porém já apresentando características daquele momento de modernidade em que o Brasil e o mundo viviam, e que a arquitetura sempre acompanhou. Sendo assim, após a Exposição Internacional do Centenário da Independência, também realizada em 1922, é que o movimento neocolonial iniciaria sua trajetória de modificação vitoriosa diante do gosto popular.

Diante de toda essa modernidade, de forma simples e direta e como uma variante do Ecletismo, surgem os bangalôs pan-de-bois e chalés, acabando por atender essa demanda por novidades por meio de avanços tecnológicos revelando um novo gosto e consequentemente uma nova tipologia arquitetônica.

Seguindo essa tendência desde as últimas décadas do século XIX, os chalés difundiram-se pelo mundo e chegou ao Brasil atingindo diversas camadas sociais popularizados pela denominação de influência normanda. Esta tipologia originou-se, provavelmente, dos exemplares europeus presentes na arquitetura de hotéis existentes em cidades turísticas que a alta sociedade brasileira teve contato em constantes visitas, onde na arquitetura também sofreram influências modernas no modo como os campestres do Norte da França buscavam para se proteger das intempéries dos Alpes, quando levavam seus rebanhos para pastagens. Esse estilo pode ser notado na figura 1 abaixo.



Figura 1: cabana em estilo rústico

Fonte: <https://br.pinterest.com/jeremiahrrunyan/cabin-living/>

Com a expansão dessa nova tipologia que alcançou o Brasil, o gosto normando passou a estar presente em residências unifamiliares, o que pode ser exemplificado pelo conjunto de casas Vila Normandia, que o arquiteto Júlio de Abreu Junior projetou para o Conde Álvares Penteado, na Avenida Ipiranga em São Paulo na década de 1930, destinadas a segmentos da classe média alta.

O jardim inglês contrapunha-se ao artificialismo formal do jardim à francesa, e sua origem mais remota recuava aos precedentes da Itália do Renascimento. Seu amor às irregularidades e sinuosidades naturais (sharawaggi), no entanto, provinha da arte dos jardins do Extremo Oriente. (A note on Sharawaggi, em Nikolaus Pevsner, 1969, p.103 a 109).

Segundo Eudes Campos (Anais do Museu Paulista de 2008) em seu artigo Chalés Paulistanos, a paisagem pitoresca inglesa nasceu da fusão da jardinagem com a pintura, a topografia, a poesia, o exotismo, a arqueologia e a arquitetura.

Os vários elementos que compunham esse gênero de jardinagem, os bosquetes de aspecto selvagem, os lagos, os riachos, os palacetes de estilo palladiano, as pontes, as grutas, as ruínas clássicas ou medievais, as cenográficas aldeias montadas com construções rústicas inspiradas nas da campagna romana deviam interagir intensa e harmoniosamente, criando um ar pastoril, literário e culto, para deleite dos proprietários e seus convidados.

### 2.3. CHALÉ, O NOVO ESTILO DE MORAR MARANHENSE

Para a população ludovicense, a arquitetura industrial teve sua importância e possibilidade de conhecimento ao entender o surto da industrialização vivida no final do século XIX e início de século

XX. Isso trouxe à cidade um grande desenvolvimento tecnológico, que possibilitou a melhoria de residências, palacetes e prédios públicos.

Os fatores resultaram em um núcleo urbano de um conjunto de condições semelhantes aos que hoje associamos à globalização, ou seja, intensa comunicação e comércio internacional, onde, por sua vez iniciaria a importação de costumes que se traduziam na urbanização e na arquitetura, nos hábitos de viver, na forma de educar os filhos, de vestir, de comer e de se divertir.

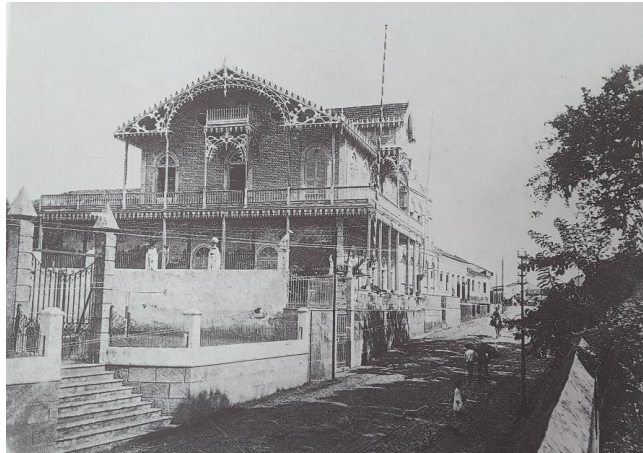


Figura 2: Um chalé nos arredores de São Luís  
Fonte: Gaudêncio Cunha, Álbum de 1908

Desse modo, a expansão urbana se faz em direção aos novos bairros de subúrbio, para o interior da ilha, no eixo do chamado Caminho Grande, que liga a herança portuguesa à influência inglesa, ao longo do qual vão se estruturar novos bairros residenciais, Monte Castelo e João Paulo, onde as classes mais favorecidas buscavam por edificações residenciais modernas, causando o esvaziamento e em seguida o abandono de centenas de casarões seculares. Atendendo a essa modernidade surgem então os primeiros chalés.

### **3. TIPOLOGIA ARQUITETÔNICA, MATERIAIS E TÉCNICA CONSTRUTIVA DO CHALÉ**

#### **3.1. TIPOLOGIA ARQUITETÔNICA**

A arquitetura civil oriunda do século XIX é o objetivo de estudo desta pesquisa, a qual apresenta, entre outras edificações, as representações de fachadas e plantas características da tipologia arquitetônica do chalé europeu, buscando refinar o gosto de morar representado naquele estilo em moda para essas residências unifamiliares.

A decadência do trabalho escravo e o início da imigração europeia fez surgir um novo aperfeiçoamento de técnicas construtivas aliada ao trabalho remunerado, que foi uma série de inovações para a arte das tecnologias construtivas, particularmente a introdução das estruturas metálicas e do cimento Portland - aglomerante de características hidráulicas. Pode-se considerar parte também deste processo revolucionário o desenvolvimento da arte de erigir alvenarias com tijolos cerâmicos: material que a rigor existe desde a antiguidade, contudo, somente a partir do século XIX, com o surgimento de uma massiva produção industrializada é que se torna o componente predominante, quando não único, das alvenarias portantes.

Uma nova proposta denominada de “moderna” trazia consigo as diretrizes oriundas das ações higienistas presentes na Europa, valendo-se de equipamentos importados, o que predominou principalmente no pós-guerra. Com isso, as implantações passaram a apresentar grandes alterações se comparadas com aquelas antes executadas no período colonial.

As edificações, com novos esquemas de implantação deveriam recuar dos limites laterais e frequentemente eram afastados da via pública o que possibilitava o arejamento e iluminação, possibilitando ainda a execução de pequenos jardins laterais e propiciando um ar nostálgico que remetia ao romantismo.

Surgidos na década de 1870, os chalés traziam um sentimento de isolamento e bucolismo, que faziam com que, ao habitá-los, levassem seus moradores às paisagens pitorescas e idílicas.

Desse modo, surgia uma nova variante do neoclassicismo inspirada no fenômeno que afastava das fábricas a população com maior poder aquisitivo, assim como ocorria em Londres industrial, com o Ecletismo, que foi adotado também em São Luís como modernização das casas dando um ar romântico e nostálgico.

Sendo pré-fabricadas e que poderiam ser montadas e desmontadas, com estrutura de ferro pré-moldada importada da Inglaterra, os chalés eram adaptações modernas inspirada na cultura de morar dos povos no Norte da França, os normandos, e que chegavam à cidade já pré-fabricadas e pronta para serem montados, e outros construídos aqui no Brasil com materiais existentes na região. Em São Luís não foi diferente e seguiu o uso de materiais industrializados e locais para satisfazer o gosto de seus proprietários.

### 3.2 MATERIAIS E TÉCNICAS CONSTRUTIVAS

Em sua forma vernácula, anterior à industrialização dos materiais, os chalés apresentavam sua construção de madeira bastante simples, típica da região rural franco-suíça. Em geral, possuíam planta retangular e telhado de duas águas, com suave inclinação, disposto de modo a voltar uma das empenas para a frente, como se observa na figura 3.



Figura 3: John Ruskin. Chalé suíço, 1837. Ilustração. *The poetry of Architecture*, 1838. pág. 25.

Fonte: *Annals of Museu Paulista*. v. 16. n.1. Jan. - June 2008.

Segundo Günter Weimer em sua obra *Arquitetura Popular Brasileira* (2º Ed. 2012), evidentemente, essa forma de construção só pôde se desenvolver no Brasil em regiões onde havia abundância de madeira. Um caso-modelo (ou paradigmático, como o querem os pós-moderninhos) foi o da exploração das florestas de araucária que faziam parte da Mata Atlântica.

Apesar de muitas semelhanças, as construções pré-fabricadas apresentam uma diferença fundamental quando comparada com as de tábuas ou as de taipa. Nestas, a estabilidade da construção é garantida por uma estrutura portante, seja pela fixação de sua estrutura no solo sobre uma espécie de baldrame como na forma tradicional portuguesa, seja pela triangulação de peças estruturais, como na linha das tradições centro-europeias.

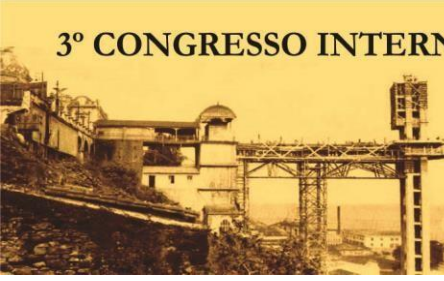


Figura 4: chalé da Fabril, 1909, Álbum Gaudêncio Cunha.  
Fonte: Registros escritos e icnográficos do DPHAP.

Como o Brasil era um grande exportador de madeira e fazia isso às toneladas, no mercado interno, desenvolveu-se uma tipologia de casas chamadas de "chalés" que inundavam as cidades. Essas construções eram tão frequentes que, em seu auge, mais da metade das construções licenciadas pelas municipalidades eram de casas de madeira. Na época da abundância, desenvolveu-se uma técnica que se distinguia por sua racionalidade na construção de chalés.

A progressiva evolução dos métodos construtivos levou a uma racionalidade que permitia a construção de cada um desses chalés em tempos muito curtos.

Para Ruskin em seu *The Poetry of Architecture*, a construção suíça autêntica, rústica, mas pitoresca, acabou por se transformar por completo nas mãos dos arquitetos eruditos europeus.

Com essa transformação e com o impulso após a Revolução Industrial, vários produtos são introduzidos de forma a mecanizar e valorizar a construção civil, o que posteriormente seriam adotados em outras novas tipologias como: a telha e a tesoura francesa, que oferecia a liberdade das paredes em relação ao peso dos telhados coloniais.

Willian Bittar, em *Arquitetura no Brasil* (2011), diz que a redistribuição de esforços na tesoura neste novo sistema construtivo deixara um poder maior para que a alvenaria pudesse ser de tijolos com paredes mais delgadas, substituindo a pedra argamassa disposta em seções mais largas.

Sua implantação apresentava-se, geralmente, em centro de terrenos, assegurando ventilação e iluminação direta, fachadas marcadas pelo uso de frontões triangulares, de uma clara influência neoclássica, alguns com uma decoração em baixo relevo no tímpano, outros com frontões existia óculos, quando o ponto do telhado era mais elevado, essa técnica assegurava uma ventilação no forro.



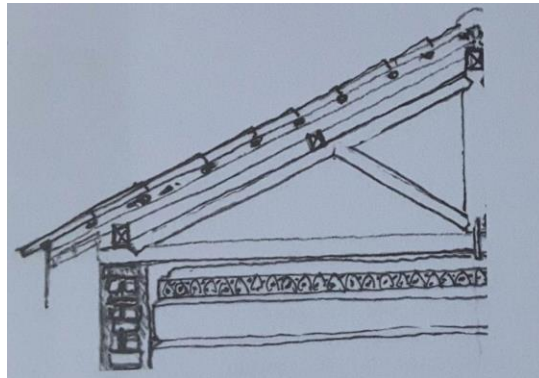
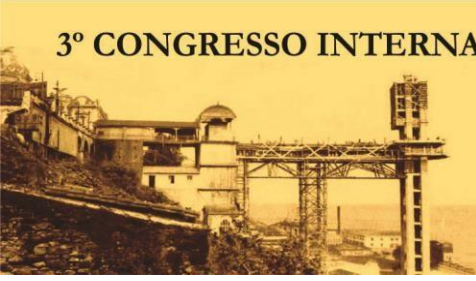


Figura 5: tesoura francesa.

Fonte: Ilustração de Arquitetura no Brasil - de Dom João VI a Deodoro, pág. 159.

Normalmente, essa nova tipologia, os chalés, além do telhado com suave inclinação, possuíam estrutura em madeira, concreto armado, suas fachadas eram valorizadas por elementos de madeira sobre alvenaria mais clara.

Os lambrequins, elemento de clara influência de chalés germânicos bem como suíços, estavam presentes na decoração das extremidades dos beirais que avançam a fachada.



Figura 6: lambrequins - elemento decorativo com função de guarnecer paredes.

Fonte: Google imagens.

A modernidade trouxe uma nova forma de morar, trabalhar e viver, ou seja, aquele modelo antigo, já não se adequava mais nas habitações. A variação do uso modifica o ambiente, e a arquitetura então passa a ser mais relacionada ao tempo do que ao espaço (BÓGEA, 2009).

Com plantas confortáveis, eram geralmente dotadas de duas salas, dois dormitórios, cozinha e despensa, no corpo principal do edifício, enquanto o banheiro, cada vez mais indispensável, e a área de serviço eram dispostas no quintal, em edícula independente (BITTAR, 2011).

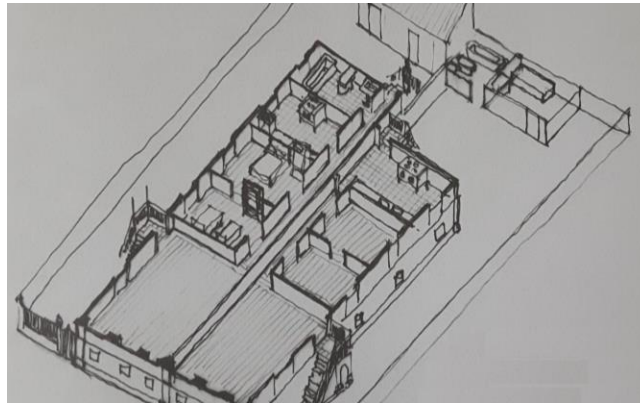
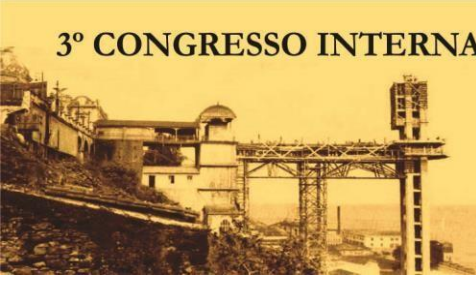


Figura 7: tipo de planta predominante nos chalés.

Fonte: Ilustração de Arquitetura no Brasil - de Dom João VI a Deodoro, pág. 163.

Em relação às técnicas construtivas adotadas, o embasamento em pedra e cal era mantido, porém nas paredes passou a ser utilizado o tijolo maciço, mantendo-se autoportante. Alguns perfis metálicos eram incorporados para função de suporte de tabuado de piso ou do entelhamento, mas sempre predominavam as tesouras.

Abaixo estão identificadas algumas dessas moradias destinadas aos proprietários de camada social mais abastada que possuíam um gosto mais refinado por moradia:

### **Chalé da Fabril**

O conhecido chalé da Fabril, com sua estrutura singular, pois além da estrutura portante, vigas e pilares serem em ferro, as paredes eram em perfis metálicos com vedação em tijolos de adobe, e por se caracterizar parecida com a taipa tradicional pode-se fazer uma denominação de “taipa de ferro”, o que o torna um prédio peculiar em São Luís, cabendo assim sua preservação ainda que em ruínas.

Construída no final do século XIX e hoje em ruínas, sua estrutura em ferro pré-moldado, importado da Inglaterra, chegou à cidade armada e pronta para ser montada. Dotada de dois pavimentos, planta retangular, terraço em “L” (acrescentado posteriormente), recuos nas laterais, frente e fundo. Possuía telhado sextavado, em lambrequins com grande declividade, cimalha, volumetria marcada por bay-window, esquadrias de madeira e vidro. Sua cobertura de nove águas era estruturada em tesouras de ferro e caibros de madeiras, telha em ardósia e beirais arrematados por cimalthas. Forros em estuques e decorados com frisos em relevos e pinturas em forma geométrica. Construída sobre colunas e vigas de ferro, paredes constituídas de cantoneiras de ferro verticais que se erguem em duas faces nas paredes e se ligam por peças de ferro. É um representante singular quanto a sua arquitetura, diagnosticada como único exemplar de “taipa de ferro” do Brasil. Através dessa taipa composta por perfis metálicos espaçados a cada 30cm são preenchidos por blocos de adobe. Possuía também um anexo nos fundos do lote para dependência dos empregados, cobertura em telhas francesas e piso de ladrilhos hidráulicos.

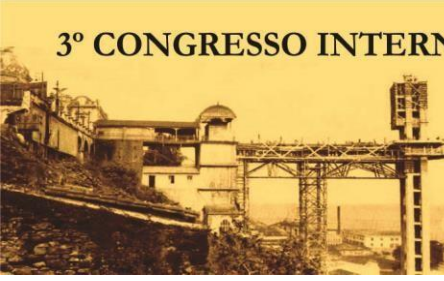


Figura 8: chalé da Fabril, 2019.

Fonte: acervo do autor

A planta baixa térrea apresentava terraço frontal com escada de acesso; hall de acesso a escada interna; 05 Salas de grandes onde podia funcionar: sala de estar e visita, sala íntima, jantar e pequenos nichos. Já no superior existiam 3 grandes cômodos que podemos considerar quartos; todos cômodos com acesso a varanda; 1 pequeno cômodo que possivelmente seria um banheiro.

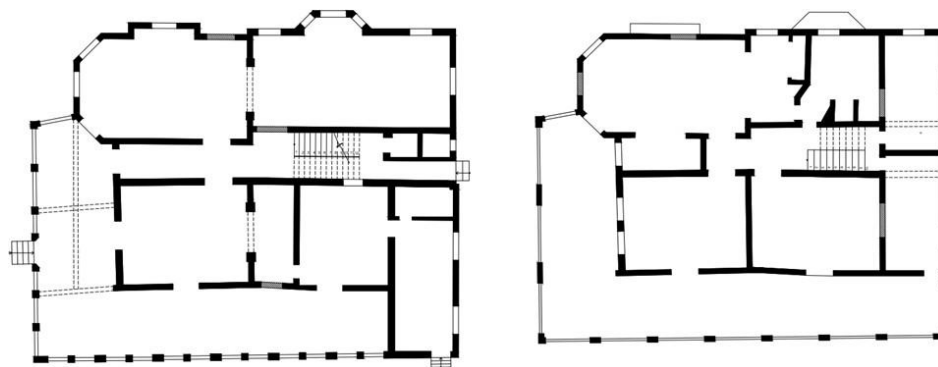


Figura 9: planta baixa – térreo, planta baixa – superior

### Chalé da Família Lauande

Tipicamente residencial com dois quartos, três salas e uma varanda voltada para o rio Anil, está localizada na Rua dos Jenipapeiros, 216. Uma residência com arquitetura singular, comparada as edificações residências da cidade. Construída no início do século XX, por uma Alemão de nome Friedym, que desejava erguer às margens do rio Anil. É notória a busca pelo gosto campestre e bucólico, remetendo a residência a um ar romântico e isolamento. Após uma ampliação, a residência passou a contar com três quartos, cozinha, banheiro, quarto de vestir, salas para visitas, estar e jantar, varanda em forma de coreto com cobertura em chapa metálica em forma piramidal. Os ambientes internos apresentam piso interno em taboado corrido, enquanto que na varanda é em ladrilho hidráulico. Esquadrias em madeiras e vidro, forro em saia e camisa, beiral adornado com pequenas mãos francesas, telhado de telhas francesas. Casa implantada no centro do lote, cercada por jardim e árvores de sombra.



Figura 10: residência aos moldes Chalé, Rua dos Jenipapeiros, 216.  
Fonte: Guia de Arquitetura e paisagem, São Luís Ilha do maranhão e Alcântara.

### Chalé Lacroix

Construída na década de 70 do século XX, tipicamente de estilo de residência de campo norte americano. Foi projetada por encomenda pelo casal Lacroix quando ainda moravam no Canadá. A casa possui inclinação de telhado acima de 45°, água furtada, bay window. Em dois pavimentos a casa foi projetada para que o pavimento superior servisse de casa de hóspedes e o térreo para uso da família. Conta com um anexo que segue o mesmo estilo do imóvel principal.



Figura 11: residência Lacroix; Rua do Navio.  
Fonte: Guia de Arquitetura e paisagem, São Luís Ilha do maranhão e Alcântara.

### Chalé número 1.948, Av. Getúlio Vargas

Está inserida na área de expansão de São Luís das primeiras décadas do século XX e demonstra de forma clara a influência inglesa no modo de morar.

Apresenta implantação com afastamentos lateral e frontal, permitindo a circulação e valorizando a ventilação e a iluminação natural. Os vãos e abertura, na fachada principal e laterais são guarnecidos por esquadrias de madeira e vidro harmoniosamente em toda a fachada principal. Possui uma volumetria caracterizada por varandas com terraços cobertos, que sacam do volume principal, acessos com usos de escadas devido a implantação que acontece a um nível mais elevado em relação ao da rua, como pode ser visto da Figura 12.

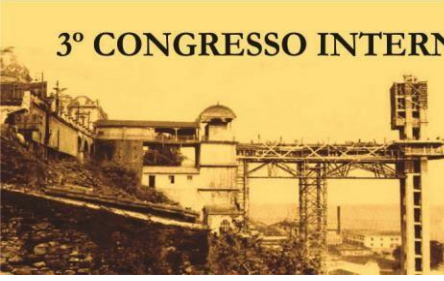


Figura 12: chalé na Av. Getúlio Vargas, 1.948, Monte Castelo.  
Fonte: acervo do Autor, 2019.

### Chalé das Bonecas

Localizado no centro, na Rua das Barrocas, 64, na proximidade do centro histórico, este chalé encontra-se bem conservado. Porém, não foi possível um acesso para fins de aprofundamento e conhecimento de seus ambientes, visto que, por ser de propriedade particular, o acesso se torna restrito por decisão dos donos, e é conhecido pela vizinhança como “Casa das Bonecas”.



Figura 13: chalé, Casa das Bonecas.  
Fonte: acervo do autor.

### Resultados e análise

Baseado na pesquisa de registros escritos e iconográficos, pode-se perceber que, por um lado, é fato que os chalés se reportavam a uma idealizada vida campestre, que busca por uma vida simples em meio à natureza. Por outro, é claro o uso desse tipo de habitação, por parte dos moradores que buscavam a modernidade, em um anseio pelo conforto, deixando de lado os padrões da arquitetura do período colonial. Esta novidade representada pela aparência formal da construção passou a estimular o proprietário a sair em busca de outras inovações no campo da técnica, o qual foi muito influenciado pela nova tipologia que surgia na Europa e que logo se expandiu para os países que buscavam alinhamento na

então modernidade. Porém, os chalés não eram construídos apenas com material vindo de fora e com auxílio de trabalho mecânico, de fato, muitos, foram inteiramente fabricados no Exterior e despachados desmontados para cá, enquanto outros foram adaptações que seguiam o rigor da moda naquela época.

Portando a arquitetura do chalé, tanto em São Luís quanto nas demais cidades brasileiras onde ainda há essa tipologia, necessita de pesquisas mais aprofundadas e um olhar mais atento a fim de valorizar e preservar essas casas de ar pitoresco, dando assim mais importância à sua notoriedade.

### **Considerações finais**

Acredita-se que esse artigo será uma importante contribuição para o entendimento do momento histórico que o Maranhão viveu com o surgimento das fábricas têxteis do início do Século XX, além de sensibilizar instituições e a sociedade civil pela atual situação de bens que fazem parte daquela arquitetura e apesar do significativo valor histórico para a cidade, alguns desses prédios se encontram em completo abandono. Além disso, a partir da reabilitação de edificações ícones da época, a significância de assegurar sua conservação e garantir a memória histórica e arquitetônica desse tipo de construção contribui para preservar a memória da multiplicidade da tipologia arquitetônica e o registro cultural da sociedade maranhense ao longo do tempo.

Desse modo, a análise da tipologia empregada em casas que surgiam nas vias de expansão de São Luís nos finais do século XIX partiu da preocupação em jogar luz sobre um estudo que venha ser aprofundado através de registros e catalogação dos bens desse tipo de conjunto arquitetônico, a fim de não apenas obter conhecimentos sobre o tema, mas também da preocupação pela proteção deste acervo pelas Instituições federais, estaduais e municipais, bem como a sociedade civil em um todo. Este artigo tem como objetivo contribuir com a salvaguarda do patrimônio cultural em São Luís.

### **Agradecimentos**

Principalmente a Deus, à minha mãe mestra do meu barco, à minha professora orientadora Ana Carolina Costa, pela dedicação e orientação nesta pesquisa, bem como à professora Stella Brito pela sugestão do tema para este trabalho.

## REFERÊNCIAS

- BOGÉA, Marta Vieira. Tese publicada sob título Cidade Errante: Arquitetura em movimento pela Editora Senac (2009).
- CAMPOS, Eudes. Arquitetura paulistana sob o Império: aspectos da formação da cultura burguesa em São Paulo. 1997. 814 f. Tese (Doutorado em Arquitetura) – Faculdade de Arquitetura e Urbanismo da Universidade de São Paulo, São Paulo, 1997. 4 v.
- CAMPOS, Eudes. Chalés Paulistanos. Anais do Museu Paulista. São Paulo. N. Sér. v.16. n.1.p. 47-108. Jan. - jun. 2008.
- CARTAGENES, Maria de Fátima Sousa; BEZERRA, Maria das Dores Lopes. Indústria Têxtil do Maranhão, um desejo em forma de realidade que acabou. São Paulo.
- COSTA, Ana Carolina Leda Alves Da. Museu das Fábricas Têxteis do Maranhão – “Uma nova proposta para o Chalé da Fabril”. Monografia apresentada ao curso de Arquitetura e Urbanismo – Universidade Estadual do Maranhão. São Luís, 2005.
- CUNHA, Gaudêncio. Álbum Maranhão 1908. São Luís: Editora Aml, 2008.
- Disponível em <https://br.pinterest.com/jeremiahrrunyan/cabin-living/> Acessado em 25 de março de 2019.
- Disponível em <http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo357/ecletismo> Acessado em 30 de março de 2019.
- MENDES, Chico; VEÍSSIMO, Chico; BITTAR, Willian. *Arquitetura no Brasil de Dom João VI a Deodoro*. Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2011.
- MENDES, Chico; VEÍSSIMO, Chico; BITTAR, Willian. *Arquitetura no Brasil de Deodoro a Figueiredo*. 1. ed. - Rio de Janeiro: Imperial Novo Milênio, 2015
- MIDDELTON, Robin; WATKIN, David. *Architettura dell'Ottocento*, 1. Milano: Electa, 1980.
- MIGNOT, Claude. *L'Architecture au XIX e siècle*. Friburg: Office du Livre, 1983.
- NIEMEYER, Lucy. *Design no Brasil: origens e instalação*. pg 49. Rio de Janeiro: 2AB Editora Ltda, 2007.
- PEVSNER, Nikolaus. *Studies in Art, Architecture and Design*. Vol. 1. London: Thames and Hudson, 1969. 2 vol.
- SÃO LUÍS ilha do Maranhão e Alcântara: guia de arquitetura e paisagem. Ed. bilíngue. São Luís, 2008.
- SÃO LUÍS. Prefeitura Municipal. Secretaria Municipal de Urbanismo. Rua Grande: Um Passeio no Tempo/Texto de Paulo Melo Souza. São Paulo: Pancrom, 1992.
- SILVA FILHO, Olavo Pereira da. *Arquitetura Luso-Brasileira no Maranhão*. 1 ed. São Paulo: Editora Efcê, 1996.
- SILVA, Geraldo Gomes da. *Arquitetura do Ferro no Brasil*; pág. 13. São Paulo: Ed. Nobel, 1987.
- WEIMER, Günter. *Arquitetura popular brasileira*. 2ª ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012 - (Raízes)
- REIS FILHO, Nestor Goulart, *Quadro da arquitetura no Brasil*. 13ª ed. São Paulo: Perspectiva, 2014.